

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ANDRESSA DE LIMA RODRIGUES

**O DISPARADOR DO MODO DE SER EMANCIPATÓRIO NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO**

Porto Alegre- RS

2018

ANDRESSA DE LIMA RODRIGUES

**O DISPARADOR DO MODO DE SER EMANCIPATÓRIO NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Peixoto de Albuquerque

Porto Alegre- RS

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu a vida, me dá força e me capacita. Agradeço a Deus pelos meus amados pais, Jerry e Susana, por me ensinarem sobre a vida, e me proporcionaram a educação que influenciou quem sou hoje. Às minhas irmãs, Jéssica e Jessiane, que são minhas melhores amigas e estão sempre ao meu lado, mesmo que distantes fisicamente.

Sou grata pelo meu marido que sempre me motiva na vida e apoiou-me nessa reta final da minha trajetória acadêmica. Agradeço a vida do meu filho que me inspira e me alegra incondicionalmente. Também sou grata à família do meu esposo que me acolheu como uma filha.

Aos amigos que de alguma maneira colaboraram para a elaboração deste trabalho, com tardes ou manhãs de conversas, troca de experiências e reflexões sobre a educação. À minha amiga, madrinha e colega Andriele que em toda minha trajetória acadêmica esteve ao meu lado. À minha amiga Stephanie que alegrava as tardes do meu filho para que eu pudesse concluir meus trabalhos acadêmicos. E há muitos outros amigos que me influenciaram direta ou indiretamente para o pensamento aqui colocado.

Às redes de escolas Adventistas por onde passei, agradeço pelo belo acolhimento e confiança.

Ao professor de Ciências do ensino básico Augusto Teixeira, quem me motivou a ser professora através de um projeto em que os alunos formavam duplas e regiam aulas para outras turmas e séries.

Ao meu orientador, professor Paulo Albuquerque, o qual mudou meu modo de ver a educação desde o início do meu ingresso na universidade, pois em cada pequena conversa que tínhamos eu saía alimentada de conhecimento.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar, através de um estudo de casos, uma análise crítica dos processos que envolvem a relação aluno/ professor no ambiente escolar, bem como os resultados positivos e negativos que tais dinâmicas podem agregar para a autonomia do aluno e sua liberdade criativa. A escolha dos casos foi feita de modo qualitativo e o metodologia de estudo de casos demonstrou-se, no decorrer da pesquisa, a metodologia mais eficiente para o tipo de trabalho que desejava construir, uma vez que tal método é indicado não só quando surge a necessidade de se responder um questionamento o qual o pesquisador tenha pouco ou quase nenhum controle dos resultados, mas também quando o foco de análise ocorre em um contexto real e dele não pode ser extraído sem que se percam elementos de análise importantes. Quanto à escolha dos casos, o aspecto qualitativo, apesar da presença da subjetividade, constitui-se num método de investigação científica reconhecido e difundido mundialmente e todas as escolhas feitas por esse estudo, de nenhum modo, fogem da realidade de trabalho do profissional da pedagogia.

Portanto, através de relatos, buscou-se apontar eventos resultantes da dinâmica pedagógica que pudessem contribuir ou minar a capacidade autônoma e criativa do aluno. Assim, verificou-se que três elementos são essenciais para uma prática docente ética, consciente e alinhada com valores pedagógicos que privilegiem e foquem na aprendizagem do aluno: diálogo/escuta, ética e respeito. Como será demonstrado no decorrer do trabalho, quando esses três requisitos preenchem o ambiente escolar, mais precisamente uma sala de aula, os resultados obtidos serão bem mais positivos e condizentes com aquilo que se espera de práticas pedagógicas eficientes e eficazes.

Palavras chaves: Autonomia e liberdade criativa do aluno, estudo de casos, práticas pedagógicas, relacionamento.

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Elementos de identificação.....	26
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rede da relação professor/aluno	24
Figura 2: Percepção dos entrevistados sobre o diferencial da proposta das escolas da rede Adventista.....	27
Figura 3: Percepção dos entrevistados sobre o espaço educativo mais importante.....	28
Figura 4: Percepção dos entrevistados sobre a sala de aula	29
Figura 5: Percepção dos entrevistados sobre a construção da autonomia	30
Figura 6: Percepção dos entrevistados sobre diálogo e escuta	31
Figura 7: Percepção dos entrevistados sobre pontos positivos para a aprendizagem.....	32
Figura 8: Percepção dos entrevistados sobre pontos negativos para a aprendizagem.....	33

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. NA SIMPLICIDADE DA OBSERVAÇÃO: O CONTEXTO DA ANÁLISE	9
3. NA SALA DE AULA: A COMPLEXIDADE DO CONTEXTO	12
4. NA REDE DE CONCEITOS: UM FATOR DE INTELIGIBILIDADE.....	19
4.1.Compartilhar	19
4.2. Diálogo	20
4.3. Escuta.....	20
4.4. Ética	21
4.5. Respeito	22
4.6. Experimentação	23
4.7.Autonomia	23
5. NA REDE ESCOLAR: A CONCRETUDE DA AÇÃO PEDAGÓGICA	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. APRESENTAÇÃO

Para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia é requisito a elaboração de um trabalho de conclusão, o qual seja baseado em uma das reflexões abordadas no decorrer de minha formação acadêmica. Para tanto, penso ser importante insistir em estudos sobre a relação professor/aluno e como essa relação favorece ou dificulta comportamentos autônomos e de criação dentro de sala de aula. Assim, apresento um texto inicial no qual coloco situações as quais, durante o meu percurso acadêmico, interpelaram-me e inquietaram-me. Logo após, conto cenas de minhas memórias cujos modelos de relações docente/discente geraram desdobramentos no modo de aprender, essas cenas discorrem de conceitos chaves os quais serão definidos a seguir.

Findada essa etapa, foi operacionalizado um estudo de caso através de um questionário em uma determinada rede de escolas, no qual os pais, professores e direção participaram. No questionário, foram dispostas as mesmas perguntas para facilitar o comparativo, o qual visava obter informações a respeito do que pensam os profissionais de diversas áreas sobre o mesmo assunto. Desse modo, pretendi nesse trabalho analisar como se dá a relação professor/aluno, para melhor compreender as consequências desta relação, quando essa se fundamenta no desrespeito mútuo e na falta de diálogo. Também, através deste estudo, analisei a construção dessas relações em um espaço tão marcado por expectativas e modos de ser pré-estabelecidos, bem como pude refletir a respeito dos elementos essenciais a uma boa convivência em sala de aula, assim como, sobre as contribuições e *déficits* do fazer docente quando marcado por lógicas de trabalho conteudistas e positivistas.

2. NA SIMPLICIDADE DA OBSERVAÇÃO: O CONTEXTO DA ANÁLISE

Durante a minha trajetória universitária, ora como discente ora como docente, estive refletindo minhas experiências em sala de aula, sobre o grande desafio de construir uma relação de proximidade e “intimidade” ou empatia (conhecer, colocar-se na realidade do outro para melhor compreendê-lo) na relação professor/aluno. E de como essa relação, sendo harmoniosa ou não, poderia afetar o ensinar e o aprender de ambos.

Desde que entrei na faculdade, chamavam-me atenção os saberes que eram discutidos e experimentados em sala de aula. Aprendi com alguns professores a me colocar no lugar do aluno a fim de melhor compreender qual o sentimento ou entendimento aquela experiência poderia me causar. Nessas experiências percebi que, dependendo da turma ou do professor, meus sentimentos e comportamentos eram diferenciados. A partir disso, percebi que isso, também, acontecia com os alunos do ensino básico. Mesmo sendo muito jovens, eles também são sujeitos de cultura assim como nós adultos, por isso merecem o (re) conhecimento, bem como serem valorizados por suas histórias e saberes.

As escolas e as universidades, no entanto, por vezes podem se apresentar como lugares de relações verticalizadas, onde os aprendentes nem sempre são considerados como sujeitos de cultura, por isso, muitas vezes eles não se sentem respeitados e/ou valorizados, o que muitas vezes gera um descontentamento de estar nesse ambiente, que não os respeita e não os reconhece. Pensando em um ambiente assim, lembro que, certa vez, enquanto assistia a uma apresentação de Trabalho de conclusão de curso, uma das professoras da banca disse que “a sala de aula não tem que ser um lugar agradável pra todo mundo”. A partir desta afirmação, surgiram-me duas questões básicas: qual o verdadeiro objetivo de ter o aluno em sala de aula? E como alcançar o objetivo sendo que o aluno não quer estar naquele lugar?

Eu senti, eu vivi, eu experimentei e sei como é ficar uma hora ou mais com um professor que não te valoriza nem te respeita, fato que pode (quer queiramos ou não) ter influência direta na dificuldade do aluno no ensino-aprendizagem. Para tanto, o objetivo deste estudo é analisar como se dá a relação professor/aluno, para melhor compreender as consequências desta relação quando essa se fundamenta no não respeito mútuo, assim como na falta de diálogo.

Seria interessante os professores pensarem que no processo de ensino aprendizagem tudo sempre estará roteirizado e pré-definido, pois muitas variáveis como podemos observar abaixo tornam essa dinâmica, em algum grau, imprevisível.

- Estamos lidando com seres humanos, com saúde mental, com seres de cultura, com histórias;
- A incompletude das relações no tempo e no espaço da sala de aula remete à ideia de reconstrução o tempo todo (refletir sobre a ação no momento da ação).

Por tudo isso, este trabalho de conclusão de curso tem por propósito dar conta destas questões aparentemente simples:

- Como construir relações em um espaço tão marcado por expectativas e modos de ser pré-estabelecidos?
- Como construir uma boa convivência em sala de aula quando o fazer docente está marcado por lógicas de trabalho conteudistas e positivistas?

Paulo Freire (1997), em seu livro “Política e Educação”, diz que não há como agradar a todas as pessoas, e uma escola envolve alunos, pais e professores, todos com expectativas diferentes. Os pais, muitas vezes, querem que a escola seja como foi aquela que frequentaram no passado, pois não entendem a forma como a escola é pensada hoje. Por isso, a importância das reuniões com pais e professores, a fim de se esclarecer os métodos utilizados. A escola, por vezes, tem suas expectativas nos conteúdos, se os alunos estão indo bem nas provas, se estão completando os livros, etc. Já os alunos esperam as ordens, tarefas, aprendizados, etc.

Por exemplo, o fato de um aluno lhe perguntar bem no momento de uma dinâmica: “professor, que horas vai começar a aula?”. Essa pergunta remete a um aluno que ainda não compreendeu que em uma brincadeira/dinâmica, também, se aprende, para tanto, torna-se importante pensar em alguma estratégia para que os alunos entendam que existem diversas maneiras de aprender e não somente aquele modo em que o professor fica em pé a frente de uma classe organizada em fileiras, dando ordens e “transmitindo” o que sabe para os alunos, esperando que fiquem com tudo guardado na mente, e, caso não memorizem, conclui-se que eles devam ter alguma dificuldade, mas sem nunca questionar a qualidade aula que lhes foi ofertada.

Portanto, a hipótese deste trabalho é que na docência é possível manter um bom relacionamento, desde que com o devido cuidado (acolhimento e olhar), com a ética (respeito,

escutar com atenção) e com o diálogo (reciprocidade na relação), os quais são aspectos fundamentais para a efetividade do aprendizado.

Sendo assim, o nosso compromisso pedagógico implica em relacionar cuidado, respeito e reciprocidade mesmo diante de situações nas quais o aluno (aquele que apreende) age com descuido, desrespeito e ignorância. Esse é o grande desafio do professor, pois nem sempre o meio o favorece, tanto com demandas da própria escola quanto com a compatibilidade de questões pessoais.

Aqui, talvez seja o principal problema: o professor não consegue utilizar o tempo como precisa, pois a demanda de trabalho é tão grande e geram tantas responsabilidades decorrentes da rotina de sala de aula que, geralmente, nos conformamos com a ideia de que não há tempo para se pensar melhor. Isto é, por vezes, a causa disso é a maneira como as escolas e as propostas de ensino/aprendizagem se organizam, a questão do tempo do currículo ou da grade de conteúdos passa a ser o elemento mais importante, por conta de ser mais fácil e seguro de trabalhar; e não o aluno em si.

Admito ter cometido muitos erros em sala de aula, e um deles foi priorizar o conteúdo, no intuito de cumprir as metas curriculares, assim, muitas vezes, assuntos importantes passaram despercebidos, visto que, não tendo tempo para dialogar com os alunos e nem mesmo para se criar um relacionamento com eles, já que a base de qualquer relacionamento perpassa a conversa, sem a qual ninguém se conhece nem se relaciona. Deste modo, a sala de aula acaba se tornando, apenas, uma transferência de conteúdos com alunos passivos.

Por fim, basta nos perguntarmos como podemos gerir melhor o tempo como professores a fim de identificar quais elementos da relação professor/aluno favorecem ou dificultam comportamentos autônomos e de criação. Por conseguinte, analisar os fatos e pensar nas possíveis ações a serem tomadas para que haja mais harmonia entre ambos, professor e aluno, para que, assim, a aprendizagem não seja afetada negativamente.

3. NA SALA DE AULA: A COMPLEXIDADE DO CONTEXTO

Neste capítulo, irei descrever momentos que ocorreram durante minhas observações e situações por mim vivenciadas. Essas situações me fizeram refletir no objetivo de pesquisa: Identificar elementos da relação professor/aluno que favorecem ou dificultam comportamentos autônomos e de criação. Fiz uns recortes de situações ocorridas no meu papel como discente na universidade e de situações observadas em meu estágio obrigatório, no qual pude ver e analisar diferentes tipos de relações discente/docente, a fim de entender melhor as dificuldades/desafios do professor quando em ação.

O conceito fundamental que se destaca neste capítulo é a noção de intencionalidade, na qual o sujeito tem consciência de que as relações professor/aluno em sala de aula são muito importantes e significativas para quem ensina e para quem aprende. Portanto, é importante refletir qual a intencionalidade do professor em sua didática e no modo como se relaciona com o aluno.

Situação um:

Em meu estágio obrigatório da graduação, passei por alguns momentos muito difíceis. Tenho certeza que há grandes dificuldades para todos no período de estágio, pois temos medos e somos bastante pressionados. Mas, um dos fatos que mais me marcou foi a relação que tive com a minha professora orientadora, não a citarei nominalmente nem o semestre no qual se deu a disciplina, mas colocarei aqui falas que me fizeram perder a autoconfiança, o que conseqüentemente afetou muito meus planejamentos e minhas práticas pedagógicas, mas que podem servir de base para o objeto do presente trabalho.

Cheguei à faculdade três semanas depois do início das aulas dos alunos que estavam em fase de estágio, pois as professoras decidiram iniciar com os estagiários três semanas antes da data prevista para o início do estágio. Meu atraso aconteceu, dado que eu estava morando em outro estado e em virtude desta mudança havia me afastado da faculdade, portanto, para meu retorno, comprei minha passagem para a data de início das aulas, por isso não tive como iniciar no período que as mesmas tinham decidido, informalmente, com os demais estagiários.

Por tudo isso, eu fiquei sem as orientações iniciais e com a maioria dos meus colegas já visitando as escolas que iriam estagiar. Então, no meu primeiro dia, fui apenas orientada a

entrar no *Moodle* e escrever meu primeiro planejamento semanal de aula seguindo orientações do modelo de planejamento que se seguia no *site*. Dentre os modelos de planejamento, selecionei um e o segui. Escrevi meu primeiro planejamento, o qual, infelizmente, estava errado, pois havia me orientado por um modelo que não condizia com o esperado pela professora. Contudo, o modo como a professora respondeu ao meu trabalho, deixou clara sua total decepção com a minha produção.

A seguir, na fala da professora como se marca uma relação professor/aluno e o registro desta relação:

“Não sei como você chegou nesse semestre se não sabe nem escrever o modelo de um planejamento”, “como você é do PIBID? Tenho certeza que a coordenadora do PIBID é bem exigente”(…) “com mais uma chance, se você não conseguir você vai ser convidada a se retirar do estágio”, “mostrei seu planejamento para as outras professoras e nem elas acreditaram”.

Essa primeira conversa sobre meu planejamento ocorreu após a finalização da aula, depois de muitas falas que me causaram humilhação, pedi para que ela me mostrasse como era para fazer o planejamento. Nesse momento, eu já não conseguia mais segurar minhas lágrimas, uma vez que eu nunca havia sido tratada de tal forma por um professor ou professora.

Assim, posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que aquele momento me causou medo e insegurança, posto que eu já havia trabalhado como professora e era bolsista do PIBID, sendo, quase sempre, elogiada em meus trabalhos, até que chega o momento em que alguém te desvaloriza tanto e reduz toda a sua pessoa a uma produção equivocada. Em razão do medo e da insegurança sentidos, demorei dias para conseguir escrever um novo planejamento que agradasse à professora, então eu a observei e pensei em fazer um planejamento que agradasse seu tipo de ser professora. Percebi esta professora, como era autoritária, certamente gostava de regras, então eu fiz um planejamento com criação de regras de convivência feitas em conjunto com os alunos; e mais uma vez, no entanto, fui rejeitada com a acusação de ser moralizante. Logo, pude perceber que eu, também, estava errada em tentar fazer algo que ela gostasse, já que o projeto era meu, eu o deveria ter feito do meu jeito, pensando nos alunos apenas.

Bom, todo o período de escrita de planejamento foi muito estressante, pois toda a correção foi realizada com uma linguagem grosseira. Quando escrevemos muitas coisas e com pressa, ocorrem erros de escrita, mas isso não quer dizer que a pessoa que escreveu não saiba escrever, e um dos comentários nos planejamentos perante situações como essa foi “como você vai ensinar os alunos a escrever se você não sabe?”. Cheguei ao ponto de tomar a decisão de sair do estágio, eu não seria a primeira a fazer isso. No entanto, antes de fazer isso, enviei um e-mail para minha orientadora explicando meus sentimentos frente às situações que vinham acontecendo, então ela pediu que eu não desistisse do estágio. Não desisti, pois agora ela sabia o que eu sentia e talvez se esforçasse um pouco mais para não me tratar tão grosseiramente e funcionou um pouco, porém percebi que o jeito dela era assim mesmo e que por mais esforçada que fosse não conseguiria mudar. O que ela fez, então, foi somente evitar frases que me agredissem e tentou mudar a forma de escrever para mim, por isso eu consegui concluir meu estágio.

Ao final do estágio, dei um presente para minha orientadora, ela ficou assustada e disse “nossa! No meio de tantas brigas?!”. Acredito que em nenhum momento tenhamos brigado, pois o que acontecia eram apenas conversas por e-mail, e sempre tentei ser muito educada e vivia pedindo desculpas, assim eu correspondia com suas falas. Então eu disse “Brigas não professora, aprendizagens”.

Situação dois:

Em meu estágio obrigatório, em todos os intervalos e horas vagas eu ia para a sala dos professores, a fim de escrever algumas coisas e já planejar a próxima semana ou, até mesmo, organizar as aulas seguintes. Uma das situações que mais acontece dentro de uma sala de professores, pelos menos das que eu pude ter convivência, é conversa sobre o governo e sobre o desrespeito dos alunos, além de situações curiosas que acontecem em sala de aula. Em cada uma dessas situações eu observava atentamente e sempre pude aprender muito.

O momento que mais me chamou a atenção de toda a experiência de estar em uma sala de professores foi quando um pequeno grupo de professoras estava falando de um determinado aluno do ensino fundamental, séries finais. De acordo com os discursos, esse aluno era muito difícil em sala de aula, respondia mal aos professores, saía a hora que queria da sala de aula, não era participativo e todos os outros estereótipos de um aluno “desrespeitoso”.

Depois de muito reclamarem do aluno, começaram a conversar sobre suas estratégias para corresponder esse tal mau comportamento. As falas que surgiram foram:

“Não consigo nem olhar mais na cara dele”, “ele é muito mal educado e indisciplinado”, “faz o que quer e desrespeita todos os professores”, “entra e sai da sala de aula a hora que quer”, “hoje, quando ele passa por mim, eu nem olho mais na cara dele, pois não o suporto”.

Após ouvir o diálogo entre os professores, perguntei-me quem era aquele aluno, mas no sentido psicológico da questão: quais pensamentos ele tem? Quais são suas emoções e sentimentos dele? Alguns professores podem considerar essas informações como não importantes, mas acredito que devemos considerar a pessoa como um ser completo, não apenas de fatos externos observados, mas também seus fatos internos, porque isso é ser pessoa.

Para B.F. Skinner (2003), ao falar sobre o comportamento humano, usa-se os termos “causa” e “efeito” (p.24), e mais adiante ele explica que todo o comportamento humano tem uma causa que geralmente é difícil identificar, mas o mais difícil é entender o efeito. Ainda assim, podemos ver a importância do professor não ignorar o comportamento do aluno, por exemplo, no sentido de considerar que o aluno é mal educado e pronto, mas, sim, procurar entender o porquê daquele comportamento, a fim de descobrir como de modo mais estratégico, conviver em sala de aula. Não podemos esquecer, também, como defendem sociólogos, pedagogos, psicólogos que o aluno é produto do meio, o seu comportamento é reflexo de seu contato com a vida, em casa, na escola, na sociedade.

Nesta situação, podemos nos perguntar que estímulo esse aluno está recebendo para responder dessa maneira. Mesmo sem saber que estímulo ele recebe fora da escola, os professores devem se preocupar com quais estímulos contribuem para com aluno, afim de que sua resposta comportamental seja diferente da atual. Mas para saber o que se pode oferecer, é preciso conhecer o aluno, e para conhecer é preciso se relacionar.

Situação três:

Uma experiência ocorrida em sala de aula, foi quando a Aluna C, que já estava no quarto ano das séries iniciais pela segunda vez, com seus 12 anos de idade, a qual chama a atenção pela sua idade e por suas dificuldades no relacionamento com alguns colegas e professores, além de sua dificuldade na leitura e escrita, bem como sua “falta de interesse” em participar das aulas, tendo a liberdade de entrar e sair da sala de aula na hora que quisesse.

Ainda em fase de observação, percebi que as atividades de sala de aula são totalmente diferenciadas para ela e outras colegas da mesma idade e dificuldades, como a aluna D. Em sala de aula, todos sentavam sempre em duplas, e nos momentos de atividade escrita, a aluna C sempre copiava da colega ao lado: a aluna D. As atividades eram de completar o alfabeto, completar palavras, completar números, etc.

Quando eu já estava começando a gerenciar as aulas, procurei experimentar passar para ela as mesmas atividades que eu passava para o restante da turma, para obter um diagnóstico de suas capacidades. Contudo, houve um dia no qual a aluna D faltara, sendo assim, a aluna C ficou sentada sozinha. Fiquei pensando como ela reagiria com uma atividade em que não tinha de quem copiar. A atividade do momento era de matemática, sobre a composição dos números, como formá-los, entender melhor essa lógica. Obviamente, a aluna apresentou dificuldades, mas com meu acompanhamento e auxílio, ela conseguiu fazer sozinha. Cada passo que ela conquistava na atividade, eu fazia um elogio e mostrava o quanto ela era capaz. Ela muito animada tentou terminar tudo sozinha e sentiu-se motivada e valorizada ao conseguir fazer o que todos os outros alunos estavam fazendo.

Na manhã seguinte, eu havia preparado diversas curiosidades sobre o assunto o qual estávamos estudando: trouxe imagens e mapas para viajarmos em um poema, juntamente, com o personagem. Entretanto, enquanto eu conversava com a turma e mostrava as imagens, a professora titular foi até as alunas C e D e entregou-lhes uma atividade diferenciada, a qual consistia em muito material cortado com sílabas, em que elas, alunas C e D, deveriam montar palavras e depois as escreverem no caderno. Tal atividade estava fazendo com que estas duas alunas não se integrassem com o restante da turma e ao mesmo tempo exigia entre as duas “conversas paralelas” (termo popular em sala de aula). Logo, tudo isso estava fazendo com que os outros colegas não conseguissem entender direito o que eu estava falando por conta do barulho delas.

Mas o que me chamou a atenção foi quando a professora entregou a atividade para a aluna C, a qual virou os olhos para cima com expressão de “aff”. Ao ver essa situação, não consegui focar minha atenção de modo detalhado, pois eu estava atenta no que estava

acontecendo com toda a turma, porém percebi que ela fez um comentário baixinho: “aff, eu gostei tanto da aula de ontem”, demonstrando que não queria a atividade diferenciada e sim participar da mesma atividade dos demais colegas.

Situação 4:

Alguns alunos veem o professor como um ser mágico que não comete erros, é perfeito e o que diz é lei. Hoje em dia, isso já se tornou mais difícil de ver, mas quando estava na fase escolar eu chegava em casa contando as novidades para o meu pai. Mesmo quando meu pai discordava, eu usava a frase “Ah, mas foi minha professora que disse”, a qual tomava como verdade.

Quando cheguei em sala de aula, a primeira vez como professora titular, ainda sem experiência e sem ter concluído o ensino superior, encontrei questões que eu ainda não sabia como resolver, como lidar. Quando eu era criança, eu não conhecia a vida das minhas professoras, e quando cheguei em sala de aula as crianças me enchiam de perguntas sobre minha vida o que me deixava, muitas vezes, sem saber o que fazer. Assim, diversas vezes, me perguntava se eu realmente poderia responder essas perguntas. As perguntas eram todas de um tom muito pessoal: Se eu tinha namorado? Se era casada ou solteira? Se tinha filhos? Onde morava? Por que eu tinha celular inferior ao deles? Entre outras coisas complicadas de responder.

Eu queria poder partilhar minhas experiências com eles, conhecê-los e que eles me conhecessem, mas eu achava que teria que ser mais superficial: eu entro na sala; ensino; eles aprendem; e eu vou embora. Eu achava que dependendo da escola, isso não fosse permitido, que não seria permitido ao aluno saber onde a professora morava, ou ter acesso as suas redes sociais. Eu tinha esta dúvida e este receio, pois eu conheci professores, inclusive na universidade, que não permitiam aos alunos terem qualquer proximidade.

Em sala de aula, em um dos projetos que realizei, estudávamos as diferenças entre língua escrita e língua falada. Em um dado momento, conversávamos sobre não ser possível conhecer todas as palavras, uma vez que na língua portuguesa existe um número tão grande de vocábulos, algo em torno de 450.000 mil, que mesmo que dedicássemos uma vida inteira para explorá-los, seria impossível memorizá-los e mais ainda usá-los no cotidiano de forma pragmática, portanto— todos os dias— em se tratando de língua, aprenderíamos algo novo.

Para trabalhar o tema, eu trouxe para eles um texto escrito por uma das alunas para jogarmos o jogo dos erros, pois eu havia colocado os erros mais recorrentes naquele texto. Quando eu disse que para levar o texto para eles eu tive que pesquisar como se escreve o nome “Shrek”, todos demonstraram espanto e começaram a fazer muitas perguntas. A questão principal era “COMO A PROFESSORA NÃO CONHECE COMO ESCREVE TODAS AS PALAVRAS?!”, pois para eles isso não deveria acontecer.

Nesse contexto, entendi que se faz importante o fato de que os alunos entendam que sou uma pessoa que também aprende, aprende com os alunos, assim como os alunos aprendem comigo. Sou uma pessoa que também passa por dificuldades na vida, pois algumas vezes os alunos vêm até a professora a fim de transmitirem uma experiência de vida difícil, com a esperança de quem sabe, o professor mostrar a solução.

Certa vez, a mãe de um aluno sofreu um acidente de carro, e não tinha com quem contar para uma ajuda. Ela não tinha como buscar um filho na escola nem o outro na creche. Sabendo que eles moravam perto de mim, fui com o menino de ônibus para o nosso bairro e fomos pegar seu irmãozinho na creche, em todo o momento, meu aluno pedia para ficar comigo e dormir na minha casa, pois ali ele se sentiu protegido e cuidado num momento tão delicado. Mas eu não poderia, tinha que levá-lo para outro parente. A partir daquela experiência, todos os dias ele pedia para ir dormir na minha casa.

Deixei de ser a professora titular desse aluno em 2015, mas ainda hoje, com a facilidade das redes sociais, o aluno sempre entra em contato comigo para me contar suas conquistas. E sempre pergunta quando eu voltarei para aquela escola para ser sua professora novamente. Revendo os fatos hoje, pude perceber que depois que ele me conheceu, e que eu o conheci, fizemos verdadeiramente diferença na vida um do outro. Eu fiz diferença na vida dele, talvez uma inspiração, e ele me ensinou muito também, aprendi com ele e com as situações experienciadas. Uma professora da universidade me perguntou uma vez: “Porque você precisa saber da vida pessoal da aluna?”. Penso que mesmo quem não acredite ser necessário que o professor conheça a vida pessoal dos alunos, no momento em que compartilharem suas histórias pessoais, elas passam a ser muito importantes, pois é a oportunidade do professor entender melhor aquele aluno e o aluno conhecer melhor o(a) professor(a).

4. NA REDE DE CONCEITOS: UM FATOR DE INTELIGIBILIDADE

Nós, como professores, precisamos ter a capacidade da inteligibilidade e além dela, que compõe saber, compreender e interpretar (ORLANDI, Eni, 2013, p.26) pois uma sala de aula é realmente muito complexa, com muitos alunos e cada um com suas especificidades, assim sendo, para entendê-los, precisamos conhecê-los.

Para entender melhor como podemos analisar as situações e conduzi-las, vamos ver alguns conceitos importantes, os quais eu acredito que fazem parte de uma rede. Nesse contexto, procurei o conceito de rede na internet, e nada chegou exatamente ao que imaginava. Por isso, “REDE”, nesse contexto, quer dizer um conjunto de conceitos que estão interligados uns aos outros. Trata-se, então, de conceitos diferentes, que, por se complementarem, andam juntos. Logo, caso você coloque em prática algum dos conceitos em questão, os outros automaticamente se fariam presentes. Não há como separá-los, um é consequência do outro. Vamos entender melhor a rede de conceitos:

Cada cena acima nos traz conceitos muito importantes. São quatro conceitos chaves para haver um relacionamento mais harmonioso entre professor/aluno e, conseqüentemente, uma melhora na autonomia e aprendizagem. Esses são os seguintes: Compartilhar; Diálogo/escuta; Respeito/ética; Experimentação/Autonomia. Tendo o oposto destes conceitos podemos ter uma baixa autonomia e aprendizagem.

Vamos analisar as situações e entender um pouco melhor sobre estes conceitos, a prática e suas possíveis conseqüências. Para a pretendida melhora na autonomia e aprendizagem é preciso que o agir docente seja modelado pelas seguintes balizas:

4.1.Compartilhar

Entendo que compartilhar não é um verbo simples ou transitivo direto no sentido de dividir ou no sentido de possuir as mesmas opiniões, pois em educação ele se apresenta como sendo bitransitivo, isto é, significa que para se materializar ele depende de dois sujeitos em relação e que se dispõem a partilhar alguma coisa independente de suas opiniões serem convergentes ou divergentes. Como se trata de uma relação aberta e fluída, essa relação é baseada na confiança e no respeito, sendo que a intencionalidade sempre estará marcada pela

partilha, mas depende também da forma ou do modo como um dos sujeitos que está na relação assume a responsabilidade e inicia a partilha. Este sujeito, em educação, na maior parte das vezes é o professor.

Para exemplificar esse conceito retomamos a **situação 4** do tópico anterior, na qual a professora percebe que é importante compartilhar e se conhecerem, ao mesmo tempo que é importante permitir que o aluno compartilhe também. A prática docente deverá tornar-se, sempre que possível compartilhada. O professor e aluno devem dialogar ambos fazerem trocas de experiências, com respeito e ética, com o elogio antes da crítica que deve ser sempre para construir e não para destruir.

4.2. Diálogo

Paulo Freire menciona diversas características do conceito diálogo, uma das características que se encaixa bem nesse contexto, alegando que “não pode haver diálogo em relações de dominação” (FREIRE *apud* JARES, 2008, p. 32). Entendo que diálogo depende de dois sujeitos em relação, entretanto, caso um dos sujeitos se coloque na posição de dominador, na qual ele seria o único que se assumiria como orador com autoridade, sem permitir que o outro fale, opine ou se expresse, então já não há mais diálogo, e sim um monólogo.

Temos como exemplo a **situação 2**, na qual se conta a história do aluno considerado desrespeitoso pela maioria dos professores, em razão disso, o aluno era tratado muitas vezes com indiferença, com ordens aos gritos, com olhares cheios de raiva e “viradas de cara”. Os professores se colocaram na posição de dominadores, não se permitindo ao menos entender o porquê dos comportamentos daquele aluno. Nesse caso, não há oportunidade de diálogo para que haja harmonia entre professor e aluno. Freire (1997) diz que os sujeitos que dialogam aprendem e crescem na diferença, o que significa reconhecê-lo como outro, convivendo com as diferenças. Portanto, só conhecemos o outro dando oportunidade de um diálogo.

4.3. Escuta

O Educador precisa compreender seus educandos, pois, quando bem compreendidos, o ambiente se torna adequado e tranquilo para o ensino e a aprendizagem com harmonia. Uma

proposta pedagógica só tem alcance se responder a uma necessidade, e ela só responde a uma necessidade se os acontecimentos e as relações que ela proporciona correspondem à realidade da vida dos alunos. Caso contrário, é abstração e exercício lógico ou técnico estéril. Para evitar a esterilização das relações em sala de aula, o professor, bem como os alunos precisam saber escutar. Ouvir não implica apenas no escutar, mas em compreender e transformar. Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, afirma:

Quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda. É intolerável o direito que se dá a si mesmo educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo pra discorrer dela. (FREIRE, 1996, p.114-115)

Entender que— como educadores— devemos escutar, não implica na diminuição de importância do educador ou que sempre se tenha que concordar com o educando, pelo contrário, o fato de ter que escutar, e escutar bem, permite que o educador prepare sua colocação perante as ideias dialogadas. Novamente, na **situação 2** há a representação da situação de não escuta, na qual os professores não demonstram interesse em escutar o aluno, conhecê-lo, e isso é comprovado com seus argumentos ao dizerem que nem olham mais para a cara dele.

Todos os alunos têm os mesmos direitos assim como os professores, todos têm experiências, nossos comportamentos são justificáveis, e que com humildade devemos escutar, compreendendo igual a Freire (1996) que alega que ninguém é superior a ninguém e que ao escutá-lo, aprendo a falar com ele.

4.4. Ética

Ética possui um conceito simples, mas acredito que um dos mais difíceis para a sociedade, visto que são valores e princípios que norteiam sociedade, valores morais que influenciam em nossa conduta, já que se não influenciasse, o funcionamento social estaria com mais problemas dos que já temos hoje.

Freire traz em seu livro que não há uma prática excelente sem ética, posto que “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos [...]” (FREIRE, 1996, p.36). Ensinar exige um educador ético.

Ameaças, palavras ou falas acusadoras, sem estímulo positivo, mensagem agressiva, são características presentes no cenário da **situação 1**, quando a professora faz a ameaça da saída do estágio, quando questiona a escrita, quando faz a acusação desmoralizantes, etc. “Educar também significa dizer não, corrigir, chamar a atenção, etc.” (JARES, 2008, p.228). Mas existem valores e princípios a serem seguidos, uma linguagem “correta”, uma atitude “correta”, quando digo a palavra “correta” não quero dizer que existe um modo exato de se comportar e todos que se comportarem dessa maneira uns com os outros estão sendo corretos, mas sim em ter uma comunicação com respeito mútuo, pois tudo o que fazemos ou até mesmo o que deixamos de fazer vem acompanhado de consequências, sejam elas boas ou ruins. Nesse caso, essa atitude da professora fez com que as consequências fossem insegurança, perda da autoconfiança e medo.

4.5. Respeito

Respeito— de acordo com o Dicionário online de Português— significa “consideração; sentimento que leva alguém a tratar outra pessoa com grande atenção, profunda deferência, [...]”. Respeito também inclui cuidado. Respeitar alguém não é um favor, é um dever, e aquele professor que não dá conta desse respeito, transgredir o princípio da ética.

O respeito também se associa ao desenvolvimento da autonomia e da capacidade de afirmação. “Fazer-se respeitar” tem a ver precisamente com não deixar-se intimidar, sofrer abusos ou outro tipo de violência. Em sentido contrário, uma relação respeitosa é oposta a relações de autoritarismo, violência, discriminação, etc. (JARES, 2008, p.32)

Na **situação 1** vê-se uma situação que como tratado acima, faz parte do conceito ética em que é transgredido, por isso também faz parte do conceito respeito. Respeito e ética não estão separados - a pessoa que por algum momento não foi ética, conseqüentemente não respeitou. Freire (1996, p. 59-61) escreve algumas situações de quando o professor não respeita o educando:

Desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua síntese e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha sem seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que exime o cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando [...].

4.6. Experimentação

Acredito que a experimentação tem como papel fundamental construir o conhecimento. Experimentação é referente a não somente colocar em prática teorias existentes ou experimentar novos desafios, ou seja, experimentar não se refere apenas à observação, análise, questionamentos, formulação de hipóteses, pontos os quais sempre ouvimos falar quando tratamos da palavra experimentação. O ponto principal, nesse contexto, é descobrir, até onde eu posso chegar? O que eu consigo alcançar? Mas só se consegue chegar às respostas a essas perguntas experimentando. Assim, não só se constrói o conhecimento, mas também a ampliação de si mesmo.

Na **situação 3** temos uma menina que se descobre poder fazer mais do que lhe é sempre apresentado, ela foi desafiada, e conseguiu ultrapassar barreiras as quais não sabia que podia. Experimentou o novo, logo conheceu-se mais.

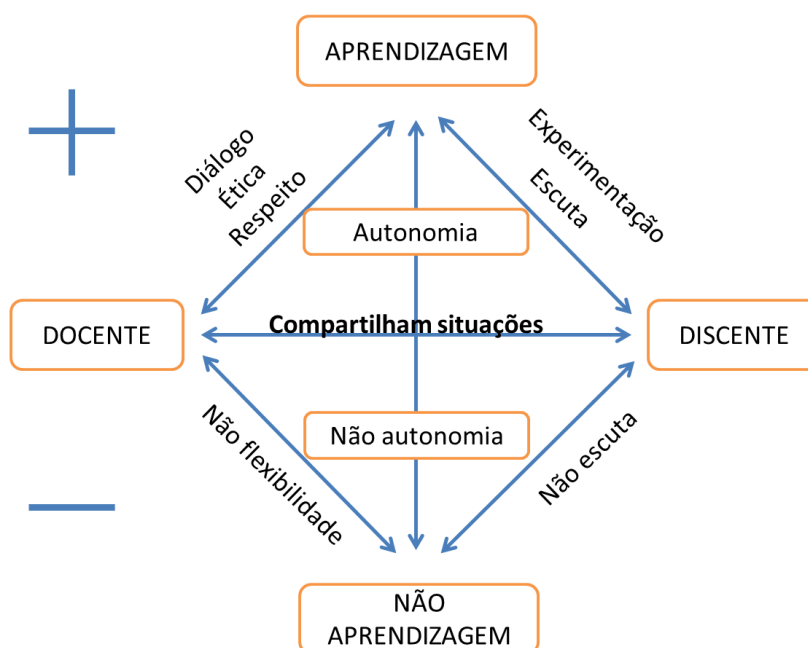
4.7. Autonomia

Freire escreveu um livro sobre autonomia, o que prova que não é um assunto simples que se resume a poucas palavras, mas tentarei ser clara e pontual. De acordo com Freire (1996) autonomia é a capacidade do indivíduo de construir e reconstruir o que foi ensinado. Acredito que também seja a capacidade de se construir e reconstruir como pessoa. Para tanto, é preciso que lhe seja proporcionado a liberdade para fazê-lo, para que desenvolva a autonomia oferecendo formas alternativas de aprendizagem.

A professora titular da turma que é referida na **situação 3** limitou a aprendizagem das alunas C e D naquele momento, não permitindo que desenvolvessem a construção do próprio conhecimento. Paulo Freire afirma que “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (idem, p.21)

Após definido os conceitos, consigo materializar formando uma rede, onde relaciono todos os conceitos na imagem abaixo:

Figura 1: Rede da relação professor/aluno



Fonte: Figura produzida pela autora

Acima vemos a ilustração dos conceitos abordados neste capítulo, vemos uma relação bilateral entre discente e docente, por isso as flechas vão e voltam simbolizando essa relação, onde essa interatividade pode proporcionar questões positivas ou negativas. Se não houver a interatividade positiva tanto professor quanto o aluno, podem ser prejudicados.

Como se vê na figura acima, discente e docente compartilham situações. E é de responsabilidade do professor se dedicar a um relacionamento harmonioso para ambos, baseados no respeito mútuo.

5. NA REDE ESCOLAR: A CONCRETUDE DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Nesse capítulo o estudo é caracterizado por uma abordagem qualitativa. De acordo com Ludke e André (1986) citado por Bogdan e Biklen (1982), os estudos com uma abordagem qualitativa tem o objetivo de compreender como as pessoas que foram entrevistadas, seja presencialmente ou por um questionário escrito, encaram as questões sobre o tema. Entretanto, as autoras tratam de que a análise tende a seguir um processo indutivo.

A ferramenta metodológica é composta por um questionário, a fim de identificar se os elementos encontrados acima a partir das situações colocadas, são elementos percebidos por outras pessoas. O questionário foi construído no *googledocs*, com 11 questões, nas quais 4 delas são elementos de identificação e 7 são questões abertas, em que a pessoa pode dar sua opinião sobre determinado assunto livremente. As questões de identificação darão conta da idade, profissão, formação e tempo de serviço. Nas demais questões podemos encarar suas respostas como hipóteses pré-formuladas.

Em relação à faixa etária, os entrevistados estão entre 33 e 54 anos de idade. É comum existirem discursos diferentes, pois suas respostas dependem muito do conhecimento de cada um sobre determinado conceito, o quanto conhecem ou entendem a proposta da escola, por exemplo. Por isso, considero que são hipóteses pré-formuladas. Ainda temos os conceitos de autonomia, diálogo, escuta e aprendizagem. Cabe também levar em conta a área de conhecimento de cada um, temos entre os entrevistados representantes de diversas áreas de conhecimento: Advogados, administradores de empresas, professores de ensino básico e ensino superior, etc.

Este questionário foi estruturado de modo a articular com os objetivos específicos deste trabalho. Analisar a construção das relações em um espaço tão marcado por expectativas e modos de ser pré-estabelecidos, e refletir como se constrói uma boa convivência em sala de aula quando o fazer docente está marcado por lógicas de trabalho conteudistas.

Para análise, a pesquisa foi realizada em escolas da rede¹ de escolas Adventistas. Metodologicamente, como escrito anteriormente, isto foi operacionalizado por meio de um questionário. Foram entrevistados 2 professores(as) do ensino básico, 1 professor(a) do ensino superior, 1 diretor(a), 1 coordenador(a), 1 orientador(a) e 4 pais.

¹ A rede envolve escolas Adventistas do Brasil especificamente no Rio Grande do Sul, Brasília, Bahia e Paraná, desde o ensino básico ao ensino superior.

Nessa conjuntura, para identificar melhor os entrevistados, pode-se fazer a leitura na tabela a seguir com os elementos de identificação, onde se pode ver quais são os profissionais, quais são suas formações acadêmicas e o tempo de serviço de cada um.

Tabela 1: Elementos de identificação

Profissão	Formação	Tempo de serviço
PROFESSORES (AS) DO ENSINO BÁSICO		
Professor (a)	Pedagogia	18 anos
Professor (a)	Pedagogia	30 anos
ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR		
Direção escolar	Direito, Teologia, Mestrado em Administração escolar.	8 anos
Coordenação escolar	Licenciatura em Educação Física e pós em Psicopedagogia e Psicomotricidade	30 anos
Orientação educacional	Pedagogia	12 anos
PROFESSOR (A) DO ENSINO SUPERIOR		
Professor (a)	Ciências Biológicas	30 anos
PAIS		
Funcionalismo Público	Direito	24 anos
Administração	Ensino Superior e pós graduação	23 anos
Logística	Técnico em Meio Ambiente	30 anos
Administração	Administração	13 anos

O estudo de caso aplicado na pesquisa foi desenvolvido para colher informações, a fim de facilitar o comparativo sobre o tema da pesquisa, onde pessoas que têm contato direto ou indireto com uma determinada rede de escolas respondem o mesmo de forma *online*. Cada questão do questionário foi colocada em quadros comparativos. A estruturação dos quadros foi planejada de forma a facilitar o comparativo das respostas dos entrevistados. É desse modo que a análise será feita para cada questão.

É importante lembrar questões importantes para análise, como a diversidade discursiva de conhecimentos. Podemos explorar essa diversidade. Temos a imagem que o professor tem da escola e do aluno do ensino básico, a imagem que o professor do ensino superior tem da universidade e do aluno universitário, também a que os funcionários da administração escolar têm da escola e do aluno e, por fim, e igualmente importante, a imagem que os pais têm da escola e dos seus filhos que são alunos da rede.

Assim, na figura 2 vemos que, para a rede, é importante uma formação integral (físico, mental e espiritual), mesmo que a maioria tenha escrito apenas que o diferencial é a educação cristã. Há princípios ensinados pela bíblia como cuidar do corpo, mente e espírito, caso um deles esteja afetado de forma negativa, os demais também são prejudicados, por isso a importância dos três.

Figura 2: Percepção dos entrevistados sobre o diferencial da proposta das escolas da rede Adventista.



Fonte: Figura produzida pela autora

Enquanto isso, na figura abaixo, pode-se constatar que, apesar das respostas incluírem, em sua maioria, casa e escola, nesse conjunto de informações, o importante é que esses ambientes sejam preparados para favorecer a aprendizagem. Seja na escola, na igreja, em casa ou na sociedade, de nada adianta se o espaço não proporcionar momentos educativos.

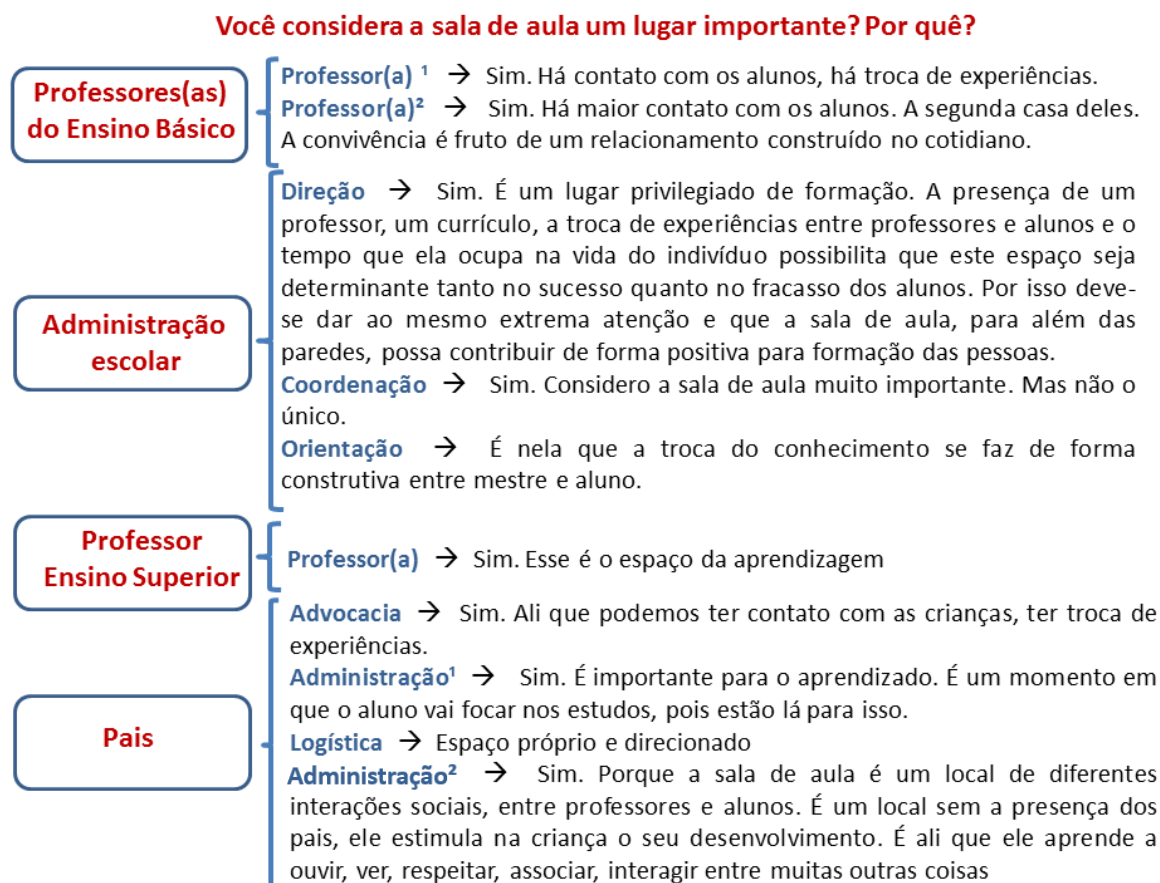
Figura 3: Percepção dos entrevistados sobre o espaço educativo mais importante



Fonte: Figura produzida pela autora

Um ponto importante observado na figura 4 foi que, na maioria das respostas, alguns fatores foram colocados em evidência: a troca de experiências, o contato, a interação social e o relacionamento. Sendo que, na última resposta, o entrevistado especifica conceitos importantes como ouvir, ver, respeitar, interagir, etc. São fatores e conceitos que tornam a sala de aula um lugar relevante.

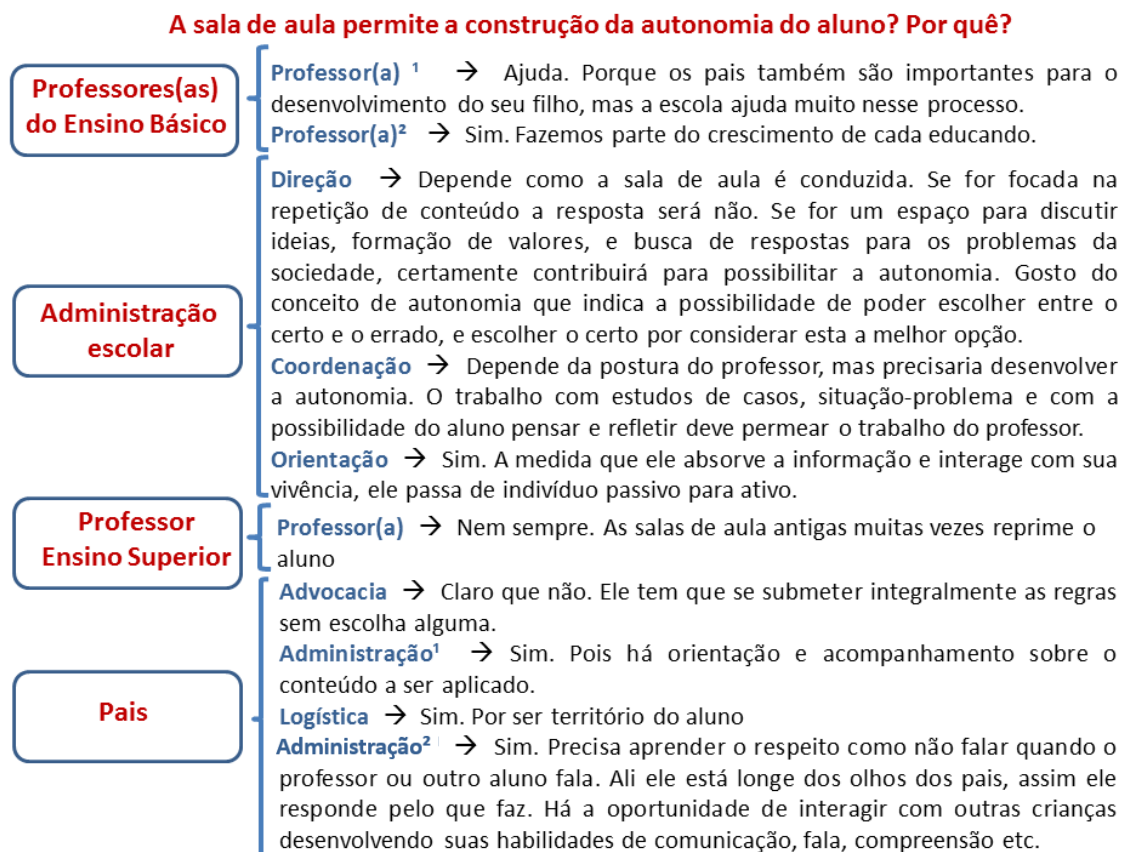
Figura 4: Percepção dos entrevistados sobre a sala de aula



Fonte: Figura produzida pela autora

Na próxima questão acredito que cada resposta depende do conhecimento dos respondentes sobre autonomia. A maioria acredita que é a sala de aula proporciona a construção da autonomia, e poucos lembraram que isso depende do professor, pois tal construção, geralmente, fica a critério do professor, já que ainda existem salas de aula em que somente o professor tem voz ativa, situação considerada, por muitos, ultrapassada. Assim, em uma das respostas, diferentemente dos demais, o (a) respondente discorda que a sala de aula permite a construção da autonomia. Diante disso, podemos pressupor duas situações: ou o/a respondente escreveu se referindo aos professores dos seus filhos, talvez com sentimento de indignação, ou afirmando que é assim que deve funcionar, adotando, desse modo, a visão de que o aluno deve se submeter às regras sem escolha alguma.

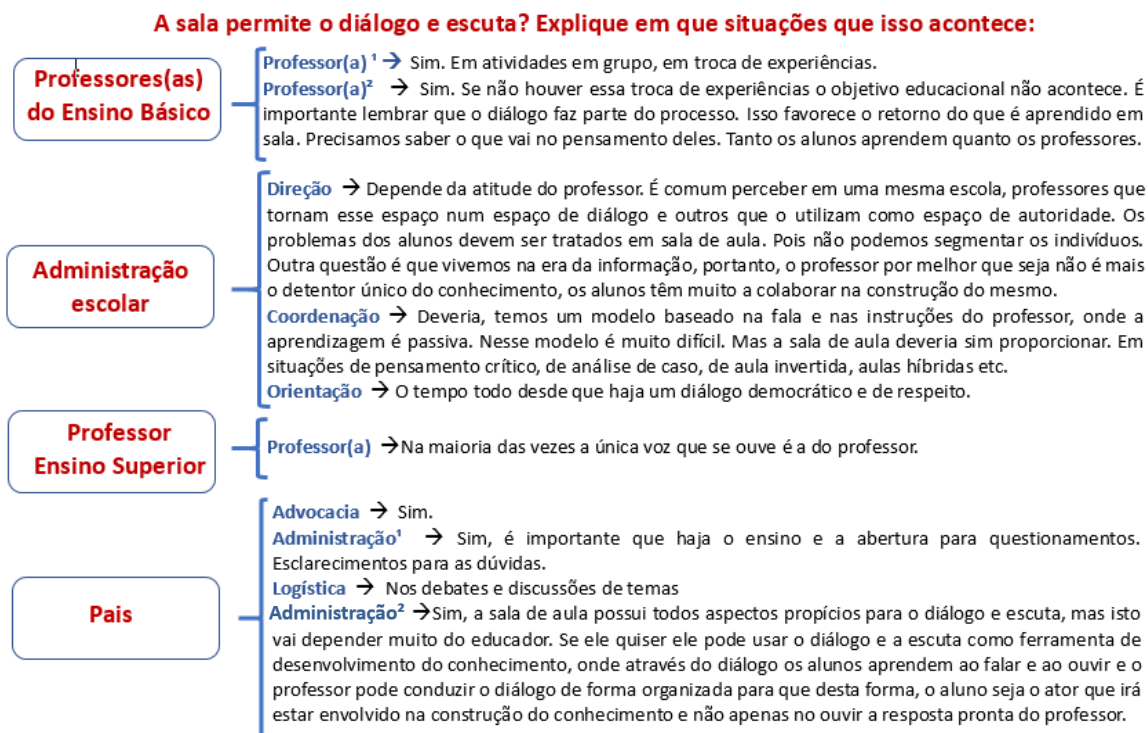
Figura 5: Percepção dos entrevistados sobre a construção da autonomia



Fonte: Figura produzida pela autora

A figura 6 corrobora com a anterior, no sentido de que, apesar de tratar de conceitos diferentes, bem como proporcionar um ambiente de fala e escuta— ainda assim— é um ponto positivo para a construção da autonomia. Em contrapartida, encontramos situações em salas de aula que não colaboram para o mesmo, por isso há respostas que relativizam.

Figura 6: Percepção dos entrevistados sobre diálogo e escuta

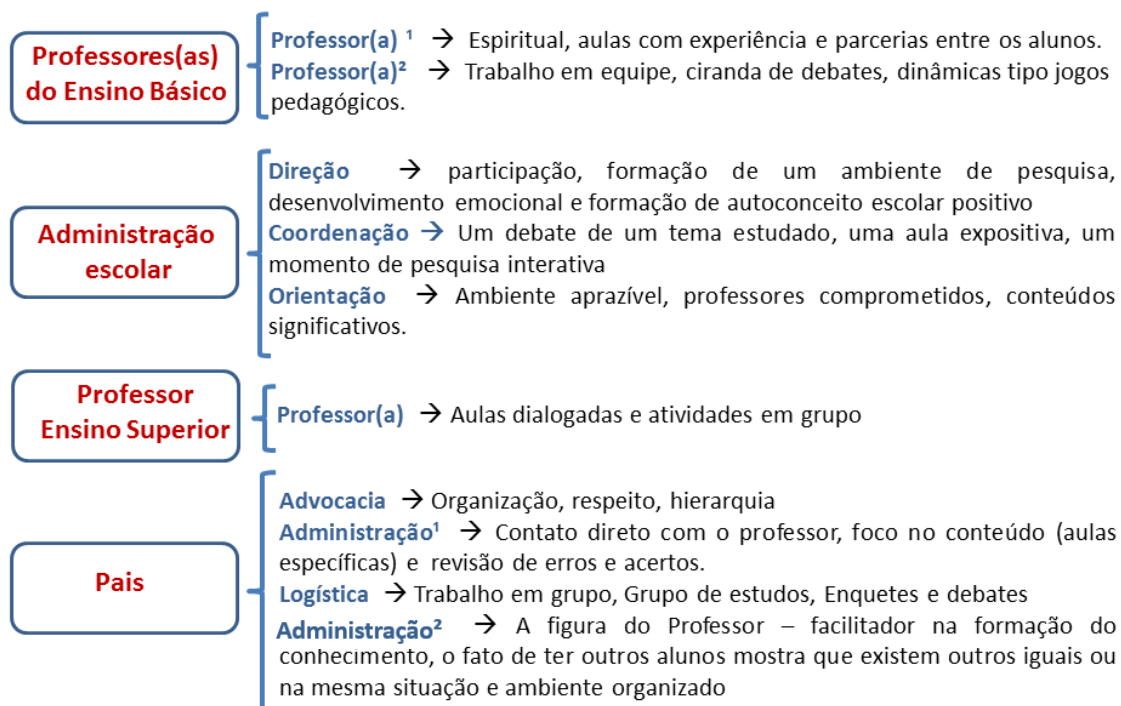


Fonte: Figura produzida pela autora

Nesta questão, representada na figura 7, encontrei outro ponto positivo: aparecem conceitos como compartilhamento, diálogo, experimentação, respeito, conteúdos significativos, a ludicidade etc. Conceitos que dependem um do outro para que haja favorecimento, em muito, na aprendizagem.

Figura 7: Percepção dos entrevistados sobre pontos positivos para a aprendizagem

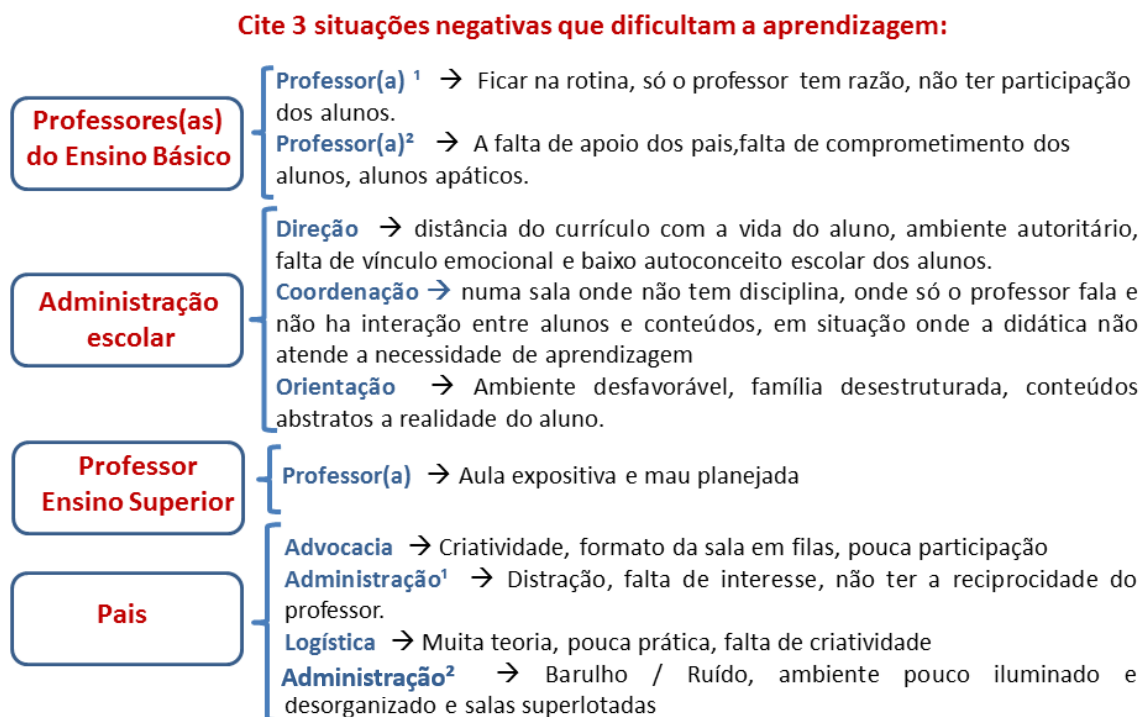
Cite 3 situações positivas que favorecem a aprendizagem em sala de aula:



Fonte: Figura produzida pela autora

A figura 8 elenca aspectos negativos em sala de aula, porém a maioria dessas informações negativas dependem de como o professor pensa a sua didática e onde está a sua base teórica para pensar sua aula. Sem criatividade, sem diálogo, sem criar um ambiente harmonioso, sem pensar nas necessidades e realidade dos alunos, uma aula que a aprendizagem poderia ser significativa, se torna desqualificada.

Figura 8: Percepção dos entrevistados sobre pontos negativos para a aprendizagem



Fonte: Figura produzida pela autora

Para tanto, observando o todo das questões respondidas, é preciso levar em conta a percepção social dos entrevistados, porque nelas há uma dinâmica que permite perceber como os elementos constitutivos da educação propostos pela escola interagem. As impressões contam uma vaga história do papel da educação, apresentam um pouco do que é educação para cada um, assim, a partir das respostas de cada entrevistado é possível construir, por meio de inferências, a visão que o mesmo possui para os elementos essenciais desta pesquisa: função da escola, professor, aula, aluno, educação.

Estes são elementos importantes e que devem ser explicitados: cada parte forma um todo; omitir ou acrescentar uma qualidade ou defeito altera a percepção global. No caso da presente pesquisa, aparecem diversos fatores que influenciam o modo como eles (entrevistados) entendem a educação.

No comparativo das respostas temos os elementos para ver se:

Educar é construir possibilidades de compreensão e entendimento do sujeito como portador de direitos através da valorização de informações, práticas ou comportamentos que ao serem problematizados promovem a autonomia do pensamento, e re-elaboração dos conhecimentos de modo a confirmar/compor valores, habilidades e práticas cidadãs. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 11)

Como resumo das respostas, vemos que o diferencial da proposta está centrado em uma educação integral (físico, mental e espiritual), sendo que o lugar privilegiado para concretizar uma proposta educativa é um lugar que haja estímulo para isso, seja na escola, em casa ou em outros ambientes, porque os entrevistados entendem que a aprendizagem acontece independente do lugar. E, assim, justificam que autonomia acontece quando o professor, e até mesmo os pais, já que depende do lugar, proporcionam uma relação onde o aluno tem direitos de fala e que a relação pedagógica está centrada em todos os conceitos trabalhados em conjunto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para conclusão deste estudo, retomo a problemática: “Como a relação professor/aluno influencia na autonomia e aprendizagem do aluno?” Após análise e reflexão de todas as informações no corpo deste trabalho, o estudo mostrou que dá conta de responder a esta questão por todo o desenvolvimento da pesquisa, trazendo elementos e experiências que demonstram que a forma como o professor se apresenta e se relaciona com o aluno afetará, positiva ou negativamente, o processo de aprendizagem.

Como as relações assimétricas institucionalizantes da escola geram uma reação nem sempre positiva por parte do aluno, que vê o professor muitas vezes mais como um dominador do que como um exemplo, ou alguém capaz de compartilhar algo que ele necessite, mesmo que ainda não tenha capacidade de compreender completamente.

O desejo docente, dos pais e da administração escolar é de que o aluno aprenda, entretanto, se não for definido conceitualmente como se constrói essa relação, ela pode se traduzir em mecanismos de dominação, para tanto o docente precisa ter as capacidades inteligibilidade e intencionalidade.

Ao se permitir diminuir os distanciamentos a fim de construir relações de confiança com os discentes, o professor cria um ambiente propício para suprir as necessidades do aluno, sejam essas fisiológicas, cognitivas ou afetivas. Entretanto, como as necessidades variam de pessoa para pessoa, não basta compreender que o aluno é reflexo do meio, mas também é necessário criar um relacionamento afetivo, em que, além de conhecer suas necessidades, a

forma como ele reflete o meio, encontrar o melhor caminho para estimulá-lo positivamente, dentro dos limites do ser professor. Às vezes, o aluno está tão afetado negativamente que não tem mais estímulo e esperança - para ele nada mais importa -, e é nesse momento que entra o fazer docente: tornar importante a vida, o conhecimento, as pessoas. Todavia, essa não é uma tarefa fácil, pois criar bons relacionamentos exigem do professor quebrar “pré-conceitos”, que levam a um distanciamento negativo, atitudes e experiências as quais o professor não consegue aprender apenas no âmbito acadêmico. Pois assim como o aluno é um ser cheio de histórias, os professores também são. Entretanto, é trabalho do professor tentar tornar o ambiente de sala de aula agradável para todos.

Por fim, o presente estudo não tem a pretensão de encontrar todas as respostas, mas, principalmente, propor a discussão e o aprofundamento científico sobre o tema. Pois não há uma resposta concreta para como criar um relacionamento positivo com os alunos, pois somente o professor, ao se relacionar com os alunos, e conhecê-los, poderá pensar em como tornar a sala de aula, mesmo com sua diversidade/diferença, num lugar de respeito e aprendizagem mútuos favorecendo a autonomia dos alunos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Dicionário online. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/respeito/>>. Acesso em: 8 de dez. 2014.

JARES, X. R. **Pedagogia da convivência**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2008.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

SKINER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.